

Lideranças querem autonomia política

15 MAR 1986

DF - repres polit

As lideranças do PMDB e PFL do Distrito Federal consideram que o primeiro ano de "Nova República" só deixou irrealizado, a nível local, o desejo do brasileiro de ver ampliada sua representação política, mas manifestam a certeza de que isso acontecerá em breve, porque os partidos que dão sustentação ao governo são favoráveis à ideia.

O presidente do PMDB/DF, Milton Seligman, avalia o ano a partir das mudanças ocorridas no País como um todo. "O que nos distingue dos demais partidos", observa, "é que o PMDB é um partido nacional". No Distrito Federal, afirma, "a Nova República modificou completamente a vida política institucional, antes restrita ao que podemos chamar de período de resistência democrática".

Segundo lembra, é justamente o novo momento político que vai trazer aos partidos que atuam no DF a possibilidade de se organizarem, o que era até então vedado pela lei. A eleição do governador e de representantes da população junto a uma assembleia legislativa local vão ser viabilizadas, segundo espera com a maior convicção, "ainda no decorrer deste ano, por ação e vigor do PMDB, que apresentou substitutivo neste sentido".

Mudanças

Se na área político-institucional as conquistas relacionam-se ao fato de "Brasília ter vivido quase toda sua vida sob o jugo da ditadura", conforme Seligman, "no campo do Governo as mudanças também são substanciais, mesmo porque o GDF era quase um departamento do Ministério do Planejamento, ocupado por militares que desempenhavam a função de governador como se fossem funcionários, quando esta é uma função eminentemente política".

Embora continuemos sem eleger nosso governador — José Aparecido "será o último governador imposto, porque o partido que sustenta o Governo é favorável às eleições para governador" — Milton Seligman aponta uma diferença que considera essencial

em relação aos antecessores. "O governador José Aparecido é um político, e como tal tem governado e transformado o DF de maneira qualitativa".

Quando se mata hoje, em Brasília, a Justiça é feita, diz o presidente do PMDB/DF, lembrando o episódio da morte do jornalista Mário Eugênio. "Os sindicatos atuam livremente e em resposta às reivindicações dos trabalhadores o GDF tem concedido até o máximo do que o permite a sensibilidade social". As realizações na área social — "o GDF voltou-se para as cidades-satélites" — educacional — "completamente revolucionárias" — de saúde e serviços públicos são incontestáveis, segundo ele, "embora e apesar de a época ser de pagar contas".

O principal de tudo, para o presidente do PMDB local, "é que a partir do incentivo à organização da população, o GDF está dando a vara e ensinando a pescar".

PFL e PDS

O presidente do PFL/DF, Osório Adriano Filho, considera que o primeiro ano de "Nova República" foi início de um período de afirmação para todos os partidos que aqui atuam, mas especialmente para o PFL, que está totalmente implantado e estruturado".

Já o PDS/DF, hoje na posição ocupada pelo PMDB há um ano atrás, avalia "a Nova República" como "muito pior que a Velha". O presidente da Comissão Provisória Regional do partido, Tarcísio Pinto, diz que até agora "o que há de novo são tão-somente as questões eleitoreiras" e critica "o arquiteto esclerosado" que só está querendo saber de mudar beiral de ponte e trocar mármore do Ministério da Justiça".

O crescimento dos partidos no DF não se deve à Nova República, segundo entende. "Pelo contrário, o Governador tem feito o que pode para evitar o crescimento de movimentos pela ampliação da representação política local, chegando até a boicotar o aluguel de ônibus da TCB para levar populares a atos públicos".